

AS OITO
MONTANHAS



PAOLO COGNETTI

AS OITO
MONTANHAS

TRADUÇÃO
Adriana Aikawa



Copyright © 2016 by Paolo Cognetti

Publicado originalmente na Itália por Giulio Einaudi Editore, Torino, 2016

Publicado mediante acordo com The Ella Sher Literary Agency, www.ellasher.com, em conjunto com Mala Testa Lit. Ag.

O trecho de *A balada do velho marinheiro*, na página 5, é de tradução de Alípio Correia de Franca Neto, Ateliê Editorial, 2005.

TÍTULO ORIGINAL

Le Otto Montagne

PREPARAÇÃO

Karine Simoni

REVISÃO

Milena Vargas

Marina Góes

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO E DIAGRAMAÇÃO

Laura Arbex | Ilustrarte Design e Produção Editorial

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Nicola Magrin

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C627o

Cognetti, Paolo

As oito montanhas / Paolo Cognetti ; tradução Adriana Aikawa. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.

256 p. ; 21 cm.

Tradução de: Le otto montagne

ISBN: 978-85-510-0229-2

1. Ficção italiana. I. Aikawa, Adriana. II. Título.

17-41854

CDD: 853

CDU: 821.131.1-3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Adeus, adeus, Conviva!, e ao meu
Alerta considera:
Só reza bem quem ama bem
Seja homem, ave ou fera.

S.T. COLERIDGE, *A balada do velho marinheiro*

MEU PAI TINHA UM jeito próprio de ir para a montanha. Pouco propenso à meditação, era pura pertinácia e ousadia. Subia sem medir forças, sempre competindo com alguém ou algo, e quando o caminho lhe parecia longo, cortava pela linha de maior aclave. Com ele era proibido parar, proibido reclamar de fome, cansaço ou frio, mas era permitido cantar uma bela canção, especialmente debaixo de um temporal ou sob a névoa densa. E uivar precipitando-se pelas encostas nevadas.

Minha mãe, que o conheceu ainda jovem, dizia que ele não esperava ninguém nem naquela época, obstinado a seguir quem visse lá em cima: por isso, era preciso ter boas pernas para se tornar desejável aos seus olhos, e, rindo, dava a entender que o havia conquistado assim. Mais tarde, em vez de correr, ela passou a preferir sentar-se nos prados, mergulhar os pés num ria-

cho ou reconhecer os nomes da vegetação e das flores. Mesmo no cume ela gostava sobretudo de observar os picos distantes, de pensar naqueles em que esteve quando era jovem e de lembrar quando e com quem tinha estado ali, enquanto meu pai, a essa altura, era tomado por uma espécie de desilusão e só queria voltar para casa.

Acredito que eram reações opostas à mesma nostalgia. Meus pais haviam emigrado para a cidade com cerca de trinta anos, deixando o Vêneto rural onde minha mãe nascera e meu pai crescera como órfão de guerra. As primeiras montanhas que conheceram, seu primeiro amor, foram as Dolomitas. Falavam delas às vezes, quando eu era pequeno demais para acompanhar a conversa, mas certas palavras se destacavam com sons mais potentes, com mais significado. Catinaccio, Sassolungo, Tofane, Marmolada. Bastava que meu pai pronunciasse um desses nomes para que os olhos da minha mãe brilhassem.

Era ali que haviam se apaixonado, compreendi mais tarde: foi um padre que os levou até lá quando jovens, e o mesmo padre os casou numa manhã de outono, aos pés dos Três Cumes de Lavaredo, em frente à igreja do lugar. Aquele casamento na montanha era o mito fundador de nossa família. Rejeitado pelos pais da minha mãe por motivos que eu desconhecia, celebrado entre quatro amigos, com casacos impermeáveis como traje nupcial e uma cama no Rifugio Auronzo para a primeira noite como marido e mulher. A neve já brilhava na encosta da Cima Grande. Era um sábado de outubro de 1972, fim da temporada de alpinismo naquele ano e nos que viriam: no dia se-

guinte, colocaram no carro as botas de couro, as calças à zuavo, a gravidez dela e o contrato de trabalho dele, e partiram para Milão.

A calma não era uma virtude que meu pai levasse em consideração, mas na cidade teria lhe servido mais que o fôlego. Em Milão, era este o panorama: nos anos 1970, morávamos em um prédio com vista para uma ampla avenida movimentada, sob a qual, diziam, corria o rio Olona. É verdade que nos dias de chuva a rua alagava — e eu imaginava o rio lá embaixo rugindo no escuro, enchendo-se até transbordar pelos bueiros —, mas era o outro rio, feito de automóveis, furgões, lambretas, caminhões, ônibus, ambulâncias, que estava sempre cheio. Morávamos no alto, no sétimo andar: as duas fileiras de edifícios idênticos que margeavam a rua amplificavam o ruído. Certas noites meu pai não aguentava mais, levantava da cama, escancarava a janela como se quisesse insultar a cidade, exigir seu silêncio ou derramar sobre ela piche fervendo; ficava ali um minuto olhando para baixo, então colocava o casaco e saía para caminhar.

Por aquelas janelas víamos muito céu. De um branco uniforme, indiferente às estações, atravessado apenas pelo voo dos pássaros. Minha mãe insistia em cultivar flores em uma varandinha enegrecida pela fumaça e mofada pelas chuvas seculares. Na varanda, cuidava das suas plantas e no meio-tempo me contava sobre os vinhedos de agosto dos campos onde crescera, sobre as folhas de tabaco penduradas nas pértigas dos secadores, ou sobre os aspargos, que para serem tenros e brancos deviam ser colhidos

antes de brotarem, por isso era preciso um talento especial para vê-los ainda debaixo da terra.

Agora aquele olhar lhe era útil de um modo completamente diferente. Fora enfermeira no Vêneto, mas em Milão conseguiu uma vaga de assistente de saúde no bairro de Olmos, na periferia oeste da cidade, em meio às casas populares. Era uma função recém-criada, assim como o consultório familiar em que trabalhava, com o objetivo de ajudar mulheres durante a gravidez e depois acompanhar o recém-nascido até o primeiro ano de vida: era esse o trabalho da minha mãe, e ela gostava do que fazia. Só que o local para onde a mandaram fazia aquilo parecer uma missão. Os olmos por aqueles lados eram bem poucos: toda a toponomástica do bairro, com suas ruas dos Amieiros, dos Abetos, dos Alerces, das Bétulas, soava irônica entre os conjuntos habitacionais de doze andares, infestados de males de todos os tipos. Uma das tarefas da minha mãe era verificar o ambiente em que a criança crescia, e essas visitas a deixavam abalada por dias. Nos casos mais graves, ela devia fazer uma denúncia ao juizado de menores. Custava-lhe muito chegar a esse ponto, além de lhe render certa dose de insultos e ameaças, mas mesmo assim não tinha dúvidas de que fosse a decisão certa. Não era a única a acreditar nisso: um profundo espírito corporativo a unia às assistentes sociais, às educadoras e às professoras, numa espécie de sentimento coletivo de responsabilidade feminina em relação àquelas crianças.

Meu pai, por sua vez, sempre fora solitário. Trabalhava como químico em uma fábrica de dez mil operários, constantemen-

te movimentada por greves e demissões, e qualquer coisa que acontecia lá dentro o fazia voltar para casa à noite furioso. No jantar, assistia ao noticiário em silêncio, os talheres erguidos no ar, como se esperasse a qualquer momento a eclosão de outra guerra mundial, e praguejava ao ouvir a notícia de cada pessoa morta, de cada crise de governo, de cada aumento dos preços do petróleo, de cada bomba anônima. Com os poucos colegas que convidava para vir à nossa casa, praticamente só conversava sobre política, e sempre acabava em discussão. Era anticomunista com os comunistas, radical com os católicos, livre-pensador com qualquer um que pretendesse enquadrá-lo em uma igreja ou em uma sigla de partido; mas aqueles não eram tempos para furta-se às filiações, e pouco a pouco os colegas do meu pai deixaram de frequentar nossa casa. Ele, no entanto, continuou indo para a fábrica como se tivesse que se atirar numa trincheira todas as manhãs. E continuou a não dormir à noite, apertar as coisas com excesso de força, usar tampões de ouvido e tomar remédios para dor de cabeça, a explodir em violentos acessos de raiva: então entrava em ação minha mãe, que entre os deveres matrimoniais assumira também o de amansá-lo, o de mitigar os golpes na luta que ele travava com o mundo.

Em casa ainda falavam dialeto vênето. Aos meus ouvidos, era uma linguagem secreta entre os dois, eco de uma vida precedente e misteriosa. Um resíduo do passado assim como as três fotos que minha mãe colocara na mesinha junto à entrada. Eu parava às vezes para observá-las: a primeira retratava os pais dela em Veneza, durante a única viagem que fizeram, presente do meu avô

para a minha avó pelas bodas de prata. Na segunda foto, a família inteira fazia pose na estação da vindima: meus avós sentados no centro do grupo, três moças e um jovem em pé ao redor deles, os cestos de uva na eira do sítio. Na terceira, o único filho homem, meu tio, sorria junto a meu pai ao lado de uma cruz de cume, com uma corda enrolada no ombro e roupas de alpinista. Ele morreu jovem, por isso me deram seu nome, embora em nosso léxico familiar eu fosse Pietro e ele, Piero. No entanto, eu não conhecia nenhuma daquelas pessoas. Nunca me levaram para visitá-las, nem elas apareciam em Milão para nos ver. Algumas vezes por ano, minha mãe pegava um trem no sábado de manhã e retornava domingo à noite um pouco mais triste do que quando partira; depois, dava um jeito de fazer a tristeza passar e a vida seguia seu curso. Havia mais o que fazer e pessoas a cuidar para ficar cultivando a melancolia.

Mas aquele passado vinha à tona quando menos se esperava. Durante o longo trajeto de carro que me levava à escola, minha mãe ao consultório e meu pai à fábrica, em certas manhãs ela entoava uma velha canção. Começava a primeira estrofe no trânsito, e pouco depois meu pai a acompanhava. Eram ambientadas na montanha durante a Grande Guerra: “La tradotta”, “La Valsugana”, “Il testamento del capitano”. Histórias que até eu já sabia de cor: vinte e sete tinham partido para o front, e somente cinco voltaram para casa. Lá embaixo, no rio Piave, restava uma cruz deixada para uma mãe que, mais cedo ou mais tarde, viria procurá-la. Uma namorada distante esperava, suspirava, então cansava de esperar e se casava com outro; quem morria lhe dedicava um

beijo e pedia uma flor. Havia palavras em dialeto nessas canções, então eu sabia que meus pais as traziam da vida de antes, mas também percebia algo diferente e estranho: que as canções, de algum modo, falavam deles dois. Quero dizer, dos dois pessoalmente, caso contrário não haveria explicação para a comoção que suas vozes denunciavam tão claramente.

Depois, em raros dias de ventania, no outono ou na primavera, nos arredores das avenidas de Milão surgiam as montanhas. Apareciam de repente após uma curva, sobre um viaduto, e os olhos dos meus pais, sem que um dissesse nada ao outro, corriam para lá. Os cumes eram brancos, o céu, insolitamente azul, uma sensação de milagre. Aqui embaixo havia fábricas em alvoroço, casas populares superlotadas, conflitos nas praças, crianças maltratadas, mães solteiras; lá em cima, a neve. Minha mãe, então, perguntava que montanhas eram, e meu pai olhava ao redor como se posicionasse a bússola na geografia urbana. Qual é essa? Avenida Monza, avenida Zara? Então é a Grigna, dizia, depois de pensar um pouco. Sim, acho que é ela mesmo. Eu me lembrava bem da história: Grigna era uma guerreira belíssima e cruel que mandava matar a flechadas os cavaleiros que subissem para declarar seu amor; então Deus a havia punido, transformando-a em montanha. E agora ali estava, diante do para-brisa do carro, sendo admirada por nós três, cada qual com um pensamento diferente e em silêncio. Em seguida, o sinal abria, um pedestre atravessava correndo, alguém lá atrás buzina, meu pai o mandava para aquele lugar e engatava a marcha com raiva, acelerando para longe daquele momento de graça.

* * *

Veio o fim dos anos 1970 e, enquanto Milão pegava fogo, os dois voltaram a calçar as botas de montanhismo. Não buscaram o leste, de onde tinham vindo, mas o oeste, como se continuassem a fuga: em direção a Ossola, a Valsesia, ao Vale d'Aosta, montanhas mais altas e íngremes. Minha mãe me contaria depois que, pela primeira vez, fora invadida por uma inesperada sensação de opressão. Comparados aos contornos suaves do Vêneto e do Trentino, aqueles vales ocidentais lhe pareciam estreitos, escuros, cerrados como desfiladeiros; a rocha era úmida e preta, riachos e cascatas desciam por todos os lados. Quanta água, pensou. Deve chover muito aqui. Não se dava conta de que toda aquela água nascia de uma fonte excepcional, nem que ela e meu pai estavam indo ao seu encontro. Subiram o vale até uma altura suficiente para saírem outra vez ao sol: lá em cima a paisagem se abriu e, de repente, diante dos olhos, tinham o Monte Rosa. Um mundo ártico, um eterno inverno que pairava nos pastos estivais. Minha mãe ficou espantada. Meu pai, por sua vez, dizia que foi como descobrir outra ordem de grandeza, como vir das montanhas dos homens e encontrar-se na montanha dos gigantes. E, naturalmente, se apaixonou à primeira vista.

Não sei o lugar exato daquele dia. Quem sabe se era Macugnaga, Alagna, Gressoney ou Ayas. Na época nos deslocávamos todos os anos, seguindo o irrequieto nomadismo do meu pai, sempre em direção à montanha que o havia conquistado. Mais do que dos vales, lembro-me das casas, se assim podemos chamá-las: alugávamos um bangalô em um camping ou um quarto em uma pensão qual-

quer do vilarejo, e ali ficávamos por duas semanas. Nunca havia espaço suficiente para tornar aqueles lugares acolhedores, nem tempo para nos apegarmos a nada, mas essas coisas não interessavam ao meu pai, e ele tampouco as percebia. Assim que chegávamos, ele trocava de roupa: pegava da mala a camisa xadrez, a calça de veludo, o suéter de lã; de volta aos trajes antigos, tornava-se outro homem. Passava as breves férias percorrendo as trilhas, saindo de manhã cedo e voltando à noite ou no dia seguinte, coberto de pó, queimado de sol, cansado e feliz. No jantar nos contava sobre camurças e íbex, sobre as noites no bivaque, os céus estrelados, sobre a neve, que no alto caía mesmo em agosto. E, quando estava realmente satisfeito, concluía: queria muito que vocês estivessem lá comigo.

O fato é que minha mãe se recusava a subir a geleira. Era um medo irracional e intransponível: dizia que, para ela, a montanha terminava a três mil metros, a altura de suas Dolomitas. Preferia os dois mil em vez de três — os pastos, os riachos, os bosques. Adorava também os mil metros, a vida daqueles vilarejos de madeira e pedra. Quando meu pai saía, ela gostava de passear comigo, de tomar um café na praça, de ler um livro para mim, nós dois sentados num gramado, e de conversar um pouco com quem passasse. Ela sofria bastante com nossos deslocamentos contínuos. Queria uma casa que pudesse tornar sua e um vilarejo ao qual voltar, sempre pedia isso ao meu pai: ele dizia que não havia dinheiro para pagar outro aluguel além do de Milão; ela propôs um valor que seria suficiente, e meu pai concordou que ela começasse a procurar.

À noite, retiradas as sobras do jantar, meu pai abria sobre a mesa um mapa topográfico e começava a estudar o caminho do

dia seguinte. Tinha ao lado um livrinho cinza do Clube Alpino Italiano e meio copo de grapa, que de vez em quando sorvia. Minha mãe aproveitava sua parcela de liberdade sentando-se na poltrona ou na cama e mergulhando em algum romance: por uma hora ou duas desaparecia dentro dele, e era como se estivesse em outro lugar. Eu, então, subia nos joelhos do meu pai para ver o que ele estava fazendo. Via-o alegre e loquaz, o oposto do pai da cidade ao qual eu estava acostumado. Ficava feliz de me mostrar o mapa e de me ensinar como se lia. Este é um rio de montanha, indicava. Este, um laguinho, e este outro é um conjunto de cabanas. Aqui, pela cor, você pode distinguir o bosque, a pradaria alpina, o terreno pedregoso, a geleira. Estas linhas curvas indicam a altitude: quanto mais espessas, mais íngreme é a montanha, até onde não é mais possível subir; aqui, onde há menos linhas, a inclinação é suave e passam as trilhas, está vendo? Estes pontos marcados por uma altitude indicam os cumes. É aos cumes que vamos. Só descemos quando chegamos ao ponto onde não se pode mais subir, entendeu?

Não, eu não conseguia entender. Precisava conhecer aquele mundo que lhe proporcionava tanta felicidade. Anos depois, quando começamos a ir juntos, meu pai dizia se lembrar perfeitamente de como se manifestara minha vocação. Numa manhã, ele estava prestes a sair enquanto minha mãe dormia, e amarrava as botas quando deparou comigo vestido e pronto para segui-lo. Devo ter me preparado ainda na cama. No escuro, eu o havia assustado, como se fosse maior que os meus seis ou sete anos; da forma como ele conta, eu já era o que me tornaria depois: a premonição de um filho adulto, um fantasma do futuro.

— Você não quer dormir mais um pouco? — perguntara, falando baixo para não acordar minha mãe.

— Quero ir com você — eu havia respondido, ou assim dizia ele: mas talvez fosse só uma frase da qual gostava de se lembrar.



PRIMEIRA PARTE

A MONTANHA
DA INFÂNCIA



UM

O VILAREJO DE GRANA ficava na ramificação de um daqueles vales, ignorado por quem passava ali como se fosse uma possibilidade irrelevante. No alto, era delimitado por cristas cinza-ferro e, embaixo, por um rochedo que lhe impedia o acesso. Sobre o rochedo, as ruínas de uma torre vigiavam campos asselvajados. Uma estrada de terra saía da via regional e subia íngreme, em zigue-zague, até os pés da torre; depois, passando por ela, suavizava, virava na encosta da montanha e entrava no desfiladeiro em meio ao declive, prosseguindo num falso plano. Era julho de 1984 quando entramos nela. Nos campos, ceifavam o feno. O vale era mais amplo do que parecia visto de baixo, coberto por bosques no lado sombreado e por socalcos ao sol: lá embaixo, entre os arbustos, corria um riacho que, de vez em quando, eu via brilhar, e aquela foi a primeira coisa de Grana que me agradou. Na época,

eu lia romances de aventura. Foi Mark Twain que me levou a amar os rios. Imaginei que lá embaixo poderia pescar, mergulhar, nadar, derrubar alguma arvorezinha e construir uma jangada, e, tomado por essas fantasias, não me dei conta de que o vilarejo surgira depois de uma curva.

— É aqui — disse minha mãe. — Vá devagar.

Meu pai diminuiu a velocidade ao ritmo de uma caminhada. Desde a partida, ele seguia docilmente as indicações dadas por ela. Olhava para um lado e para outro em meio à poeira que o carro erguia, observando demoradamente os estábulos, os galinheiros, os celeiros de troncos, as ruínas queimadas ou que haviam desmoronado, os tratores na beira da estrada, as enfardadeiras. Dois cães pretos com um sino no pescoço despontaram de um pátio. À parte uma ou outra casa mais recente, todo o vilarejo parecia feito da mesma pedra cinza da montanha, e era colado nela como se fosse um afloramento rochoso, um antigo desmoronamento; um pouco mais no alto pastavam as cabras.

Meu pai não disse nada. Minha mãe, que descobrira sozinha aquele lugar, o fez encostar em um largo e desceu do carro, em busca da dona da casa, enquanto nós dois descarregávamos as bagagens. Um dos cães veio ao nosso encontro latindo, e meu pai fez algo que eu jamais o vira fazer: estendeu a mão para que ele cheirasse, disse uma palavra gentil e o acariciou na cabeça. Talvez se entendesse melhor com os cães do que com os homens.

— E então? — perguntou, enquanto soltava os elásticos do bagageiro. — O que acha?

“Muito bonito”, eu gostaria de ter respondido. Um cheiro de feno, estábulo, lenha, fumaça e de não sei mais o quê me invadira assim que desci do carro, cheio de promessas. Mas não tinha certeza de que era a resposta certa, então disse:

— Nada mau. E você, o que acha?

Meu pai deu de ombros. Ergueu o olhar para as malas e deu uma espiada na cabana diante de nós. Pendia para um lado, e, sem dúvida, teria despencado sem as duas estacas que a escravavam. Dentro havia fardos de feno empilhados, e sobre o feno, uma camisa jeans que alguém tinha tirado e esquecido.

— Cresci num lugar assim — disse, sem que eu pudesse entender se era uma lembrança boa ou ruim.

Segurou a alça de uma mala e ia puxá-la quando lhe veio à mente outra coisa. Olhou-me com uma ideia na cabeça que parecia diverti-lo muito.

— Você acha que o passado pode passar outra vez?

— É difícil — respondi, para não me comprometer.

Ele sempre me fazia enigmas desse tipo. Via em mim uma inteligência semelhante à dele, voltada para a lógica e para a matemática, e pensava que era seu dever colocá-la à prova.

— Está vendo aquele rio? Faça de conta que a água é o tempo que corre. Se aqui onde estamos é o presente, de que lado você acha que fica o futuro?

Parei para pensar. Parecia fácil. Dei a resposta mais óbvia:

— O futuro fica para onde a água vai, lá embaixo.

— Errado — decretou meu pai. — Por sorte. — Depois, como se tivesse se livrado de um peso, disse: — Opa! — Era essa

também a palavra que ele usava quando me erguia, e a primeira das duas malas caiu no chão com um estrondo.

A casa que minha mãe alugara ficava na parte alta do vilarejo, em um pátio em volta de um bebedouro. Tinha marcas de duas origens diversas: a primeira delas, nas paredes, nas sacadas de alerce escurecido, no telhado de pedra coberto de musgo, na grande chaminé recoberta de fuligem, era uma origem antiga; a segunda era apenas velha. De uma época em que, dentro da casa, haviam instalado folhas de linóleo no chão, pendurado quadros de flores nas paredes, fixado os armários suspensos e a pia da cozinha, tudo agora já mofado e sem cor. Só um objeto escapava da mediocridade: era o fogão preto, de ferro fundido, maciço e austero, com puxadores de latão e quatro bocas para cozinhar. Deve ter sido aproveitado de outro tempo e outro lugar. Mas acho que minha mãe gostava, sobretudo, daquilo que não havia ali, pois efetivamente encontrara uma casa pouco mais que vazia; perguntou à proprietária se podíamos dar um jeito nela, e ela se limitou a responder: “Façam como quiserem.” Não a alugava havia anos e certamente não esperava alugá-la naquele verão. Tinha modos bruscos, mas não era descortês. Acho que se sentia encabulada, pois trabalhava no campo e não tivera tempo para se trocar. Entregou à minha mãe uma enorme chave de ferro, terminou de explicar-lhe algo sobre o uso da água quente, protestou brevemente antes de aceitar o envelope que ela preparara.

Meu pai já não estava ali havia um tempo. Para ele, tanto fazia uma casa ou outra, e, no dia seguinte, devia ir ao trabalho. Tinha saído para a varanda a fim de fumar, as mãos na balaustrada de

madeira rústica, o olhar nos cumes. Parecia estar analisando onde se lançar ao ataque. Entrou depois que a dona da casa foi embora, assim pôde economizar os cumprimentos, com um humor sombrio que, nesse meio-tempo, tomara conta dele; disse que ia comprar algo para o almoço e que queria voltar à estrada antes do anoitecer.